

A preposição enquanto termo de relação

Manuel Luís Costa

Abstract: Following the footsteps of Brøndal [1940] (1950) and Franckel & Paillard (2007), I will assume the preposition marks a relation between two terms – X and Y. In this framework, the preposition – **R**(elator) – assigns a locator or source of determinations – Y – to X. The relation construed by the preposition is formalized as follows: X R Y.

This assumption has methodological and theoretical consequences, as far as the values of a preposition are the result of the interplay between the terms X and Y. In other words, the representation of a preposition has to bear in mind the role played both by the context and the co-text.

The work is divided in two sections. In the first one, it is reviewed the literature dealing with the concept of **relator**. The second one focuses on some constructions with the Portuguese preposition *com* (eng. *with*), which are studied here as empirical evidence to sustain the theoretical relevance of the concept of **relator**.

1. Introdução

De acordo com a perspectiva assumida neste trabalho, o significado associado a uma preposição não é apreendido através de uma configuração pré-estabelecida ou fixa, seja ela espacial, temporal ou outra. Pelo contrário, na medida em que uma preposição determina e configura o contexto e o co-texto no qual ocorre, os valores de cada unidade correspondem ao produto da interacção com os termos que ela coloca em relação.

No quadro teórico proposto (Franckel & Paillard 2007, e.o.), postula-se o estudo da preposição enquanto **relator R**. Neste sentido, a preposição – **R** – estabelece uma relação entre dois termos – **X** e **Y**. O termo **Y** funciona como localizador ou fonte de determinações de **X**.

Embora a hipótese do tratamento da preposição como relator ou termo de

relação remonte à gramática filosófica de Port Royal e tenha, desde então, sido assumida por diferentes autores, nem sempre os contornos teóricos propostos têm sido coincidentes. De facto, as perspectivas que enformam o conceito têm na base diferentes critérios: funcional, lógico, sintáctico e semântico (Brøndal 1950, Pottier 1962, Cervoni 1991, Hagège 1996).

Assim, proponho-me, numa primeira secção deste trabalho, rever a literatura sobre o conceito de **relator**. Numa segunda secção, procurarei ilustrar a pertinência do conceito, recorrendo ao estudo de construções nas quais figura a preposição *com*.

2. O estatuto de relator

O estatuto relacional da preposição tem sido assumido, na literatura, por diferentes autores – Brøndal [1940] (1950), Pottier (1962, 1997), Hagège

(1997) e Paillard (2002), entre outros¹. O conceito tem nestes estudos um alcance variável, sendo definido com base em critérios de natureza diferente (funcionais, lógicos, sintácticos e semânticos). É possível, no entanto, generalizar a significação do termo **relator** nos seguintes termos: através do **relator** é construída uma relação entre dois termos, X e Y; sem a intervenção do **relator**, os termos X e Y permaneceriam disjuntos do ponto de vista sintáctico e semântico.

Embora já na Antiguidade² e mais tarde na Idade Média se oponha a preposição às palavras concretas como o nome e o pronome, só com a gramática filosófica de Port Royal se utiliza pela primeira vez a expressão geral de **relação** (“rapport”) para caracterizar as preposições:

“Nous avons dit ci-dessus, *chap. 6*, que les cas et les prépositions avoient été inventés pour le même usage, qui est de marquer les rapports que les choses ont les unes aux autres.” (Arnaud & Lancelot [1660] (1810²: 320))

Este termo engloba todas as circunstâncias, causas, formas físicas e geométricas, assumindo contornos espaciais, temporais e nocionais – ou

abstractos, nos termos de Cadiot (1997). Em linha com esta definição geral, surgem em diferentes países europeus (Alemanha, Dinamarca) traduções literais para designar as preposições. Assim, encontramos, por exemplo, em Alemão a palavra *Verhältniswort* (palavra de relação) – Brøndal (1950: 5) e Cadiot (1997: 17).

Esta perspectiva continuará a ser assumida pelos gramáticos ao longo do séc. XVIII. Ainda em 1827, por exemplo, August Friedrich Pott propõe-se tratar “as relações que as línguas exprimem através das preposições” (*apud* Brøndal 1950: 5). Com a linguística histórica do séc. XIX, no entanto, a perspectiva geral que subjaz ao seu tratamento como termos de relação irá ser negligenciada.

2.1 Brøndal [1940] (1950) – o critério funcional

A proposta do dinamarquês V. Brøndal [1940] (1950) merece seguramente uma leitura atenta, no que respeita à teorização do conceito de **relator**. De facto, neste trabalho dedicado à semântica das preposições, assumindo uma perspectiva enformada pela Lógica e, em particular, pelos escritos de Bertrand Russel, o autor defende o carácter eminentemente relacional das preposições:

¹ Weinrich (*apud* Cadiot 1997: 18) propõe o termo *joncteur* para designar o mesmo conceito.

² Aristóteles considera a **relação** (ἰσότης ὁμοιότης) um dos predicados fundamentais do pensamento. Os exemplos apresentados são os seguintes: igualdade/desigualdade; causa/efeito; o conhecimento/o seu objecto (*apud* Brøndal 1950: 29-30).

“[les prépositions] ont un caractère relationnel particulièrement accusé” (id., ibid., p. 8);

“Pour ce qui est de la classe comme telle, elle semble suffisamment définie si on dit qu’elle exprime la relation en général” (id., ibid., p. 11).

O autor assume a definição do conceito de relação independentemente de fenómenos físicos, em particular das noções de “repouso” ou de “direcção”, excluindo assim qualquer forma de intuição (id., ibid., p. 33). A independência das relações face à sintaxe, aos casos e à classe de palavras é outra das condições postuladas para a definição do conceito (id., ibid., p. 33).

De acordo com a proposta de Brøndal, são três as categorias principais de relação:

(i) **simetria** – uma relação particular R é **simétrica** se, para todos os valores de x e y , $x R y \equiv y R x$ (ilustram este caso expressões linguísticas contendo preposições como, por exemplo, *igual a* e *casado com*); uma relação será **assimétrica** se, para todos os valores de x e y , $x R y$ implicar a negação de $y R x$ (por exemplo, *pai de* e *filho de*); uma relação será **não-simétrica** se, para alguns valores de x e y (mas não necessariamente todos), $x R y$ for verdadeiro, mas não $y R x$ (por exemplo, *amigo/inimigo de*);

(ii) **transitividade** – uma relação é **transitiva** se, para todos os valores de x , y e z , $x R y$ e $y R z$ implicam $x R z$ (como exemplos, temos: *mais alto do que* e *contemporâneo de*); a relação será **intransitiva** se tivermos *pai de* e *casado com*; poderá ainda ser **não-transitiva** se tivermos *diferente de* e *amigo de*.

(iii) **conexidade** – uma relação é **conexa** se a existência de dois dos seus objectos x e y implica sempre $x R y$, quer $y R x$.

O trabalho de Brøndal não se esgota, evidentemente, na síntese que acaba de ser apresentada. Por uma questão de economia da exposição, limito-me a sublinhar talvez a ideia-chave da proposta deste autor, segundo a qual cada preposição particular deverá ser definida como a soma de relações especiais. Para ilustrar esta ideia, apresenta-se o quadro de síntese proposto em apêndice para o Português (id., ibid., p. 137)³:

³ O quadro de síntese proposto para o Português não surge acompanhado de qualquer comentário ou apontamento explicativo. Deste modo, podemos apenas conjecturar quanto ao fundamento da análise particular de cada termo. Independentemente desse facto, pelo menos três dos termos tratados podem causar alguma perplexidade. Assim, por ex. a análise de *CADA* como preposição só se poderá entender se tiver sido adoptado um critério etimológico: *cada* < *cata*, do Latim vulgar, derivado do Grego *katá*; significado: de alto abaixo, em baixo, no fundo. Quanto à preposição *FASTA* (ou *fata*), apresentada como estando em desuso, os autores são unânimes em considerar a sua origem árabe: *HATTA* > *fasta/fata* > *atá* (cf., e.o., Huber [1933] 1986:35, Castro 1991: 223 e Nunes 1989⁹: 175). Curiosamente, tendo esta preposição coexistido com *até*, supostamente com os mesmos valores, as duas formas *FASTA* e *até* são analisadas de modo diferente. Finalmente, e quanto à forma *TRAZ*, podemos ter uma grafia arcaica de *trás*.

(1)

	intransitividade		intrans.-transitividade	transitividade	
assimetria	a		para	sobre	
	invariabilidade ante	var. por		traz	sob
assimetria- simetria	contra		descontinuidade-cont. <i>CADA</i>	em	
			limite-integralidade <i>FASTA</i>		
simetria	de		segundo	com	
	sem	desde		entre	até

Os limites da proposta acima esquematizada são bem evidentes, bastando para o demonstrar uma análise mais cuidada dos dados. No caso da preposição *com*, por exemplo, verificamos que o seu tratamento como preposição simétrica é rigoroso apenas nos casos em que co-ocorre com um número restrito de verbos simétricos ou semi-simétricos (N_1 *casar-se com* N_2 , N_1 *dormir com* N_2 e N_1 *viver com* N_2), ao passo que no chamado valor **instrumental**, por exemplo, tal análise é manifestamente desajustada. É o que podemos observar nos seguintes exemplos⁴:

(2) a. O Luís casou **com** a Ana.

b. A Ana casou **com** o Luís.

c. O Luís e a Ana casaram.

(3) a. A Ana abriu a porta **com** a chave.

b. *A chave abriu a porta **com** a Ana.

c. ?? A Ana e a chave abriram a porta.

A este respeito importa sublinhar particularmente o facto de se reconhecer, apesar de tudo, os limites das categorias da lógica no que toca à análise linguística:

“A côté des catégories de relations simples auxquelles se sont bornés les logiciens, l’analyse linguistique constate cependant des catégories plus complexes.” (id., *ibid.*, pp. 35-36)

Sintetizando, e apesar de ter sido alvo de inúmeras críticas – muito justas aquelas que apontam os limites das categorias da Lógica para a descrição das línguas naturais –, a proposta de Brøndal merece ser louvada por aquela que é simultaneamente a sua maior virtude e o seu maior defeito. Porque contorna as dificuldades associadas à diversidade de usos e consequente multiplicação de valores intuitivos /

⁴ Cf. Cadiot (1997: 142-143, 146).

empíricos⁵, afastando a ideia do primado do espacial, o linguista dinamarquês é bem sucedido na apresentação de uma resposta global e teoricamente coerente para a descrição das preposições.

A exiguidade dos dados linguísticos em análise e a sua determinação em definir o conceito de relação independentemente da sintaxe (id., ibid., 33) funcionam, por seu turno, como o reverso da medalha.⁶

A proposta de Brøndal permite ainda intuir uma outra problemática. Ao defender a tese de que a preposição é um termo relacional, o autor abre implicitamente uma discussão sobre o estatuto nocional que cabe às preposições. De facto, o tratamento das preposições como relatores, sugere o estudo destas enquanto noções de tipo β – as noções gramaticais no quadro da Teoria Formal enunciativa de A. Culioli.⁷

⁵ O ensinamento a reter é o de que, do ponto de vista teórico e metodológico, importa proceder por abstracção: “Le point décisif pour la théorie de la langue est ici qu’à l’intérieur des emplois (à ou *pour* au sujet de l’espace, du temps, du but, du moyen etc.) il faut partout faire abstraction de tous les éléments intuitifs, formels, idéels aussi bien que réels.” (Brøndal 1950:26)

⁶ Para uma crítica da proposta de V. Brøndal (1950), por assentar em categorias apriorísticas, na tradição filosófica de Aristóteles, continuada pelos lógicos modernos, sugere-se a leitura de B. Pottier (1962: 251-252).

⁷ Na literatura, esta problemática não é discutida de forma sistemática. Podemos encontrar, no

2.2 Os termos da relação e a noção de subordinação – critério sintáctico

A problemática da relação marcada pela preposição ocupou igualmente outros autores⁸ (Pottier 1962; Hagège 1982, 1999, entre outros), os quais, embora não rejeitando o critério funcional subjacente à proposta de Brøndal, definitório da noção de **relator**, recorreram a outro tipo de critérios, em particular o sintáctico.

Assim, Pottier (1999: 29), na sua definição **relator** – anteriormente designado “elemento de relação” – sustenta que o termo serve para:

“designer l’ensemble des signes établissant une relation (ayant une double incidence) entre deux termes (du simple lexème aux propositions).”

Como é sugerido anteriormente, a proposta deste autor sofreu alguma

entanto, no que respeita à preposição, a assunção de um estatuto nocional híbrido em autores como Culioli (1971: 37) e Cadiot (1997). Para estes, o comportamento da preposição configura um funcionamento quer como noção lexical, quer como noção gramatical.

⁸ Noutros quadros teóricos, como, por exemplo, o da Linguística Cognitiva (cf., e. o., Herskovits 1986 e Zelinsky-Wibbelt 1993), assume-se que as preposições, particularmente as espaciais, são predicacões de natureza relacional, isto é, definem uma relação tendo por referência uma certa base (o domínio sob escopo da predicacão). Enquanto predicacões relacionais, as preposições definem as interconexões entre as partes da *scene* salientes na situação discursiva, podendo essas partes ser “coisas” ou uma outra relação. As interconexões podem representar a posição relativa, a orientação ou o movimento das partes no seu domínio de predicacão.

evolução ao longo dos anos, merecendo, por conseguinte, uma análise detalhada. Assim, em Pottier (1962), entre os elementos relacionais descritos, podemos encontrar quer os chamados morfemas livres (preposições e conjunções), quer os morfemas presos (desinências casuais, prefixos, infixos e sufixos ditos “aspectivos”). A **relação** faz parte do chamado “semantismo da língua”, o qual se situa no nível III do seu modelo de cinco níveis (id., *ibid.*, p. 17).⁹

No entendimento deste autor (*ibid.*, p. 107), os elementos de relação são de natureza não predicativa. Todos possuem significação¹⁰, mas esta é

⁹ O modelo proposto por Pottier (1962: 17) para a representação do significado é composto por cinco níveis. A saber: o nível I. – “La matière première: *la substance sémantique*” – faz parte do domínio do extra-linguístico, correspondendo à chamada “ideação nocional” (*hommes qui courent*); o nível II. – “Sélection de la substance dans les *formes* de langue” – traduz-se na categorização em nome ou verbo, por exemplo, o que é classificado pelo autor como a “ideação de estrutura”; o nível III. – “Application d’une *sémiologie* issue du signifiant, et porteuse des indications de *substance sémantique* et de *fonction*” – é, como foi referido acima, o nível no qual actua o “semantismo da língua” (*cour-eur-*), em articulação com a “morfologia da língua” (*-s*, para a marcação de plural); o nível IV. – “Combinaison de ces signes en vue de la constitution de l’*énoncé*” – é aquele no qual funcionam os mecanismos sintácticos; por último, o nível V. – “*Réalisations* diverses de la *substance*” – diz respeito à actuação do “semantismo do discurso” (*coureurs de femmes, coureurs à pied*) e produz os chamados “efeitos de sentido”.

¹⁰ Neste sentido, não adere à tese segundo a qual as preposições seriam vazias de sentido, isto é, dessemantizadas.

distinta da do lexema. A noção de **relação** exprime, por conseguinte, a tomada de posição relativamente à substância predicativa de um ou mais lexemas (113). Deste modo, podemos ter como exemplos relatores uma grande variedade de elementos linguísticos: *très grand*, dormir *sur* la table, Pierre *ou* Paul, *cinq* chaises, *plusieurs* oranges, marcher *devant*, *défaire*, *maigrichon*, *admirable*.

O conceito de relação implicado pelas preposições é, pois, do domínio da subordinação. Segundo o autor (*ibid.*, pp.115-116), os critérios formais que permitem associar a relação marcada pelas preposições ao conceito de subordinação são os seguintes: a natureza binária dos sintagmas; o carácter não-reversível da relação (A → B). Em oposição a este tipo de relação, segundo Pottier, temos as relações de coordenação, as quais constituem sintagmas não-binários e reversíveis.

Como exemplo representativo das relações subordinadas, considere-se a frase seguinte (*ibid.*, p. 128):

(4) Pierre dort *dans* le jardin

Recorrendo a testes empíricos, o autor defende que na relação A – R – B a ligação R – B é mais estreita do que a ligação A – R. Assim, podemos ter *dans le jardin*, *Pierre dort* mas não **le jardin, Pierre dort dans*.

Num trabalho posterior, Pottier (1974) promove a revisão do conceito de **relação**, propondo que esta tem lugar a um nível mais geral, ou seja, tem uma natureza semântico-lógica – nível “conceptual” da linguagem.

Neste contexto, defende que o conceito se define fundamentalmente pela relação entre uma “entidade” e um “comportamento”.

A preposição é apenas um dos procedimentos de que a língua dispõe para exprimir os designados “casos conceptuais”.

A definição de Hagège (1999: 7), por sua vez, parece assumir contornos mais restritivos, aproximando-se da noção de regência:

“le relateur (ou élément de relation) est un élément de langue qui a pour fonction subordonner un élément nominal – lexème ou syntagme – à un prédicat.”

Neste quadro sintático explícito, a função sintática de base de uma preposição é a de introduzir um membro de nível inferior, com estatuto “nominal”, no interior de um outro membro. Neste sentido, a forma de base seria $X - (R Y)$ e não $X - R - Y$.¹¹

Como sucedia com Brøndal, o conceito de relator é também assumido por estes linguistas num sentido muito abrangente, incluindo morfemas presos, classes de palavras e lexias. Para além das preposições (e/ou posposições), são também considerados relatores os advérbios (Brøndal), os prefixos (Brøndal e Pottier), as desinências casuais (Pottier e Hagège), as conjunções (Brøndal e Pottier), entre outros.¹²

¹¹ Para uma maior comodidade de leitura, optou-se aqui por uma notação única: X para o primeiro termo da relação; R para a preposição e Y para o segundo termo. Outros autores, como é o caso de Pottier (1962) ou Cervoni (1991), optam pela notação A PREP B ou ainda A R B.

¹² A noção de relator é central, por exemplo, na atenção dispensada por alguns autores ao chinês (cf. e. o. Brøndal 1950 e Hagège 1975). Assim, em Brøndal (1950: 124), podemos ler que o exemplo do chinês é “particulièrement instructif”. Comme on l’a vu (§ 21) cette langue n’a ni verbes ni conjonctions au sens européen du mot (et par conséquent manque aussi de noms et de pronoms définis comme les nôtres), mais elle possède une classe de *relateurs*, c.-à-d. de mots de liaison définis comme de vrais prépositions et qui, par suite du caractère et de la perspective généraux du système peuvent aussi faire fonction de remplaçants des conjonctions et des verbes(...) des autres langues. On a ainsi *cháng* et *hiá*, mots ‘vivants’, que le père jésuite français COUVREUR traduit: 1° ‘sur’/ ‘sous’, 2° ‘avant’/ ‘après’, 3° ‘au-dessus’/ ‘au-dessous’, 4° ‘monter’/

O ponto de vista partilhado por estes autores suscitou a crítica de outros, entre os quais Cervoni (1991: 125) e Cadiot (1997: 18) justamente porque a definição da preposição com base na ideia de que exprime uma relação constitui uma propriedade não definitiva, uma vez que é partilhada por outros elementos da língua.¹³ É o que podemos ler no seguinte passo da obra de Cadiot (1997:18):

Les notions de rapport ou de relation sont à leur tour manifestement insuffisantes. Elles valent traditionnellement pour tout morphème... ou encore «mot grammatical», «mot-outil», «mot accessoire»).

Não partilho da perspectiva crítica assumida por estes autores, por recusar, nos termos de Culioli [1986] (1991:128), um trabalho que visa as propriedades classificatórias dos fenómenos linguísticos, isto é, propriedades estáveis e rígidas, definidas em termos absolutos (tudo ou nada). No caso em concreto, considero frouxo o argumento segundo o qual a noção de relação não é adequada às

'descendre', 5° 'supérieur'/ 'inférieur', 'le meilleur'/ 'le plus vil', 6° 'le plus ancien'/ 'le moins ancien'(...). Rien ne peut mieux montrer l'emploi effectif des mêmes notions et des mêmes corrélations indépendamment de nos classes de mots et par là la possibilité d'une synonymique générale."

¹³ Não discuto a classificação de outras unidades da língua como termos relatores, uma vez que esse não é nem objecto de estudo, nem objectivo deste trabalho.

preposições, porque essa é uma propriedade que estas unidades partilham com outras unidades da língua. Deste modo, parte-se da etiquetagem em classes de palavras para excluir o funcionamento de determinados marcadores linguísticos como operadores de relação.

O critério funcional aqui adoptado é também vantajoso na medida em que permite descartar a multiplicação de unidades lexicais homónimas, sem qualquer fundamento do ponto de vista diacrónico. Assim, por exemplo, nos casos em que um dado marcador pode ter um funcionamento preposicional ou conjuncional¹⁴, a assunção do conceito de relator é vantajosa na medida em que torna possível uma abordagem unificada dos fenómenos linguísticos em estudo.

3. Problemática da identificação dos termos de relação

Face ao exposto, assumo a seguinte proposta, na sequência de Franckel & Paillard (1997, 2007) e de Paillard (2002):

- a preposição **R** estabelece uma relação entre dois termos – **X** e **Y**;

¹⁴ Os exemplos seguintes ilustram o contraste de funcionamento dos marcadores *para* e *com*, ora como preposição, ora como conjunção: (i) Ana foi *para* o Porto vs. (ii) *para* estrangeiro, ele fala muito bem português; (iii) pão *com* manteiga vs. (iv) *com* a guerra, muitos estrangeiros abandonaram o Líbano.

- o termo **Y** funciona como localizador ou fonte de determinações de **X**.

Na literatura (cf. Pottier 1967, e. o.), tem sido privilegiada a descrição do termo **Y** (maior visibilidade). Frequentemente, os valores das preposições correspondem simplesmente à projecção das propriedades semânticas do **N** à direita de **PREP**.

Mas, se a identificação de **Y** não levanta problemas, já o mesmo não se pode dizer de **X** (cf. Pottier (1962:128) e Franckel & Paillard 1997:279-280, e.o.). Para o primeiro, o termo **X** corresponde ao verbo.¹⁵

Neste trabalho, adopto a proposta de Paillard (2002), assumindo os seguintes pressupostos:

- $X = \langle r \rangle$ ou $C_0 V C_1$ (totalidade da relação predicativa);
- $X = C_0$ ou C_1 (um dos termos da relação predicativa);
- **X** pode ter realização lexical ou não.

4. Preposição *com*

Nesta secção, procurarei demonstrar que o estudo da relação entre invariância e variação, no que respeita ao comportamento sintáctico-semântico

¹⁵ Cervoni (1991: 107) adopta uma tese semelhante à de Pottier, ao defender que o termo **X** se identifica com o “conteúdo do verbo”.

da preposição *com*, beneficia da assunção do estatuto relacional destes marcadores.

Assim, e como podemos observar, a diversidade de valores é grande:

- (5) a. O João casou com a Ana.
- b. A Ana casou *com* o João.
- c. O João e a Ana casaram-se.
- (6) a. O João abriu a porta *com* a chave.
- b. * A chave abriu a porta *com* o João.
- c. * O João e a chave abriram a porta.
- d. O João serviu-se da chave para abrir a porta.
- (7) a. Aos domingos, o João passeia-se *com* a Maria junto ao rio.
- b. O João e a Maria passeiam-se junto ao rio.
- c. ?? O João serve-se da Maria para passear junto ao rio.
- (8) O João agiu *com* paciência.
- (9) A manteiga derrete *com* o calor.
- (10) a. *Com* a guerra, muitos estrangeiros abandonaram o Líbano.
- b. *Com* a guerra, muitos estrangeiros permaneceram no Líbano.

Considerando o conjunto de exemplos¹⁶, é possível verificar a

¹⁶ Por uma questão de economia na descrição, a análise dos exemplos não terá o grau de detalhe desejável. Os testes empíricos apresentados visam ilustrar algumas diferenças entre as ocorrências em (5), (6) e (7). Pela mesma razão acima invocada, prescindindo de uma análise mais detalhada.

existência dos seguintes funcionamentos:

(i) em (5), é construído o valor de simetria e reciprocidade (coocorrência da preposição com verbos simétricos e semi-simétricos);

(ii) em (6), (7), (8) e (9), podemos observar os valores correspondentes aos chamados papéis temáticos ou casos. Assim, em (6) temos o **instrumental**. Em (7), por sua vez, está presente o **comitativo** – a **co-presença**, podendo consoante os casos, corresponder à **adjunção** ou à **inclusão**. Em (8), observamos a **maneira** e em (9) o **causativo**;

(iii) contrariamente aos exemplos anteriores, em que a relação entre o termos R e os termos X e Y é intraproposicional, em (10), estamos na presença de relações interproposicionais. Em (10a) e (10b), o enunciador recorta, no entanto, interpretações distintas. Em (10a) a interpretação é **causal** e em (10 b) é **concessiva**.

Como proceder então teórica e metodologicamente face à enorme heterogeneidade de valores? A resposta não pode ser encontrada na sintaxe, uma vez que o estatuto argumental (ou não-argumental) do SP *com* SN não produz sempre o mesmo efeito de sentido – cf.

exemplos (5), (6) e (7). A pertença a classes de palavras diferentes – preposição, em (5) a (9) e conjunção, em (10) – também não constitui uma solução satisfatória, dada a diversidade de funcionamentos enquanto uma e outra classes.

Como hipótese de trabalho, sustento que através da relação marcada por *com*, «Y associa X a uma propriedade não definitiva», **contingente**. A operação invariante associada à preposição *com* é, por conseguinte, a **especificação**, ou seja, nos diferentes casos, Y constitui uma determinação qualitativa (preponderância QLT) de X. A variação observada poderá explicar-se no quadro da relação de localização – marcada pelo operador de localização abstracta $\underline{\epsilon}$ – entre, por um lado, a forma esquemática do verbo (FE V) e, por outro lado, a FE da preposição (FE Prep), cuja notação¹⁷ introduzo seguidamente:

$$(11) \quad \begin{array}{cc} \text{FE V} & \text{FE Prep} \\ \langle (\)_{\text{fonte}} \pi (\)_{\text{alvo}} \rangle \underline{\epsilon} \langle (\)_X \text{R} (\)_Y \rangle \end{array}$$

Consoante a identidade de X, diferentes configurações serão constituídas, o que explicará as diferentes interpretações e constituirá, em última instância, um

¹⁷ Cf. Paillard (2002: 55).

argumento para o carácter relacional da preposição.

Assim, e como hipóteses a explorar, proponho o seguinte¹⁸:

(i) X pode ser um dos termos da relação predicativa (o termo instanciado em C₀): **simetria; comitativo;**

(ii) X pode identificar-se com a totalidade ou parte da relação predicativa – o grupo C₀ V ou o grupo predicativo (V C₁): **instrumental; relações interproposicionais (orientação causal e concessiva).**

5. Considerações finais

Termino relembrando a lição de A. Culioli, válida para toda a classe de fenómenos linguísticos, mas decisiva no que diz respeito às preposições:

“(…) pendant longtemps et de façon, au reste, inévitable, on a insisté sur les propriétés classificatoires des phénomènes linguistiques. D'où un travail fondé sur des étiquettes, des propriétés en tous ou rien, des identifications stables et proses dans des hiérarchies rigides, des contrôles à distance fonctionnant grâce à des signaux relayés sans perte à travers des espaces homogènes. Grâce à une solide division disciplinaire (phonétique; syntaxe; sémantique; pragmatique), on n'avait pas à aborder de front la question de la complexité des phénomènes.” Culioli [1986] (1990:128)

A assunção do estatuto relacional das preposições constitui um passo decisivo para o estudo da semântica preposicional. A semântica das preposições, enquanto unidades linguísticas nocionalmente híbridas (lexicais e gramaticais), só se deixará captar no quadro da construção relacional.

6. Referências bibliográficas

- Arnaud, A. & Lancelot, C. [1660] (1810²) *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal par Arnauld et Lancelot*. Paris: Bossange et Masson, Libraires de S.A.I. de Madame Mère.
- Brøndal, V. (1950) *Théories des prépositions. Introduction à une sémantique rationnelle*. Copenhague: E. Munksgaard.
- Cadiot, P. (1997) *Les prépositions abstraites en français*. Paris: Armand Colin.
- Castro, I. (1991) *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cervoni, J. (1991) *La préposition. Étude sémantique et pragmatique*. Paris: Editions Duculot.

¹⁸ No que respeita ao esquema sintático, opto pela notação C₀, V e C₁, na qual “C” pode corresponder quer a argumentos do verbo, quer a modificadores. “V” corresponde ao verbo.

- Choi-Jonin, I. (2002) "Comment définir la préposition *avec*?" in L. Kupferman (coord.) *Scolia* 15, La préposition française dans tous ses états-4, Actes du Colloque PREP AN 2000, Univ. De Tel-Aviv, 3-9 septembre 2000. Strasbourg: Université Marc Bloch, 7-20.
- Culioli, A. (1971) *Rubriques linguistiques de l'Encyclopédie Alpha*. Paris: Grange-Batelière.
- Culioli, A. [1986] 1990 "Stabilité et déformabilité en linguistique" in *PLE*, Paris, Ophrys, 127-134.
- Hagège, C. (1996) "Les relateurs comme catégorie accessoire et la grammaire comme composante nécessaire" in *Faits de Langue* 9, 6-19.
- Herskovits, A. (1986) *Language and spatial cognition. An interdisciplinary study of the prepositions in English*. London-New York: Cambridge University Press.
- Huber, J. [1933] (1986) *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Franckel, J.-J. & D. Paillard (1997) «Prépositions et travail notionnel sur les termes mis en relation. Le cas de *sous* en français» in Rivière, C. ; M.-L. Groussier (orgs.), *La Notion* (Actes du Colloque "La Notion" organisé au 2 et 3 fév. 1996 à l'Institut d'anglais Charles V). Paris: Université Paris 7.
- Franckel, J.-J. & D. Paillard (2007) *Grammaire des Prépositions*. Tome 1. Paris : Ophrys.
- Nunes, J. (1989⁹) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora.
- Paillard, D. (2002) "Prépositions et rection verbale" in Kupferman, L., E. Katz & M. Asnés, *Travaux de Linguistique* 44, La Préposition (suite). Bruxelles: Duculot, 51-67
- Pottier, B. (1962) *Systématique des éléments de relation*. Paris: Klincksieck.
- Pottier, B. (1999) "Le cognitif et le linguistique dans l'expressions des relations" in *Faits de Langue* 9, 29-38.
- Zelinsky-Wibbelt, C. (org.) (1993) *The Semantics of prepositions: from mental processing to natural language processing*, Berlin: Mouton de Gruyter.